



SINAL, SEMÁFORO E SINALEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO VARIACIONISTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO NA CIDADE DE BELO HORIZONTE
TRAFFIC SIGNAL, TRAFFIC LIGHT AND TRAFFIC SIGNALMAN: A VARIATIONIST INVESTIGATION OF SPOKEN BRAZILIAN PORTUGUESE IN BH

TEIXEIRA, DÉBORA RITH COSTA¹

TEIXEIRA, DANÚBIA DA COSTA²

ABRANTES, VINICIUS VILLANI³

RESUMO

O presente artigo tem como propósito investigar quais as variantes são utilizadas pelos falantes da cidade de Belo Horizonte ao descrever o aparelho de sinalização urbana: semáforo, sinal, sinaleiro e outros, busca-se também entender se há maior ocorrência da variante considerada conservadora (semáforo) no bairro nobre. Nesse sentido, usou-se dos princípios norteadores da sociolinguística para a realização da pesquisa, sendo feita uma investigação com coleta, tratamento e análise de dados. Aqui também foi feita uma comparação com os dados da região sul do Brasil, buscando entender a presença e ocorrência das variantes em diferentes regiões. Para tal propósito a pesquisa teve como objetivo central: investigar qual a variante é a mais utilizada pelos falantes do Português Brasileiro na região de Belo Horizonte e objetivos específicos: (i) analisar em qual dos bairros, aqui pesquisados, há maior ocorrência da variante conservadora *semáforo* e (ii) descobrir quais variantes são utilizadas na região que foi alvo dessa pesquisa. Partiu-se da hipótese inicial de que os falantes da região utilizariam apenas duas variantes: *semáforo* ou *sinal*, e que a variante conservadora (*semáforo*) seria mais utilizada no bairro nobre, levando em conta o contexto social. Nas considerações finais observa-se que os resultados obtidos desafiaram a nossa hipótese e atenderam nossos objetivos.

Palavras-chave: Variação. Variante. Semáforo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to investigate which variants are used by speakers in the city of Belo Horizonte when describing urban signaling devices: semáforo, sinal, sinaleiro and others. It also seeks to understand whether there is a greater occurrence of the variant considered conservative (*semáforo*) in the upscale neighborhood. In this sense, the guiding principles of sociolinguistics were used to carry out the research, which involved collecting, processing and analyzing data. A comparison was also

¹ Mestranda em estudos linguísticos pela UFMG. Graduada em Ciências contábeis, graduada em letras português-inglês, MBA em gestão de negócios e marketing para MPEs, pós-graduanda em docência e tutoria para o ensino a distância, graduanda em gestão ambiental. deborarithletras@gmail.com

² Doutora em Estudos Linguísticos, Mestra em Letras, Especialista em Mídias na Educação e Alfabetização e Letramento. Graduada em Letras - Português/Inglês

³ Doutorando em estudos linguísticos pela UFMG, Mestre em estudos linguísticos, graduado em direito.

made with data from the southern region of Brazil, seeking to understand the presence and occurrence of variants in different regions. To this end, the central objective of the research was to investigate which variant is most used by speakers of Brazilian Portuguese in the Belo Horizonte region, and the specific objectives were: (i) to analyze in which of the neighborhoods surveyed here there is the greatest occurrence of the conservative *semáforo* variant, and (ii) to find out which variants are used in the region that was the target of this research. The initial hypothesis was that speakers in the region would only use two variants: *semáforo* or *sinal*, and that the conservative variant (*semáforo*) would be used more in the upscale neighborhood, taking into account the social context. The final considerations show that the results obtained challenged our hypothesis and met our objectives.

Keywords: Variation. Variant. Traffic light.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no contexto das pesquisas sociolinguísticas, onde propõe a investigação de formas variantes empregadas pelos falantes de dois bairros da cidade de Belo Horizonte (Santa Branca e Savassi).

A variação linguística refere-se às formas alternativas de se dizer a mesma coisa, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Para se referir ao aparelho de sinalização urbana, por exemplo, os brasileiros falantes do português recorrem a diversas variantes presentes na língua. Na região sul, encontram-se algumas variações: *sinaleira*, *sinaleiro*, *sinal*, *semáforo* e *farolete*; já na pesquisa aqui abordada apenas três variantes fizeram parte dos falares dos entrevistados. Esse foi o nosso objeto de pesquisa, as variantes presentes em Belo Horizonte para descrever o aparelho de sinalização urbana.

Dentro desse cenário, este artigo tem como objetivo central: investigar qual a variante é a mais utilizada pelos falantes do Português Brasileiro na região de Belo Horizonte; tornam-se objetivos específicos: (i) analisar em qual dos bairros, aqui pesquisados, há maior ocorrência da variante conservadora *semáforo* e (ii) descobrir quais variantes são utilizadas na região que foi alvo dessa pesquisa. Partiu-se da hipótese inicial de que os falantes da região utilizariam apenas duas variantes: *semáforo* ou *sinal*, e que a variante conservadora (*semáforo*) seria mais utilizada no bairro nobre, levando em conta o contexto social.

2. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Ao falar-se sobre as línguas, nota-se a presença das variações (lexical, fonética, fonológica, morfológica e sintática). Essas variações linguísticas são um aspecto também presente na língua portuguesa que pode ser compreendido através das influências históricas e regionais sobre os falares. Mesmo que um país tenha sua língua oficial, ela pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes, isso acontece porque a língua não é um sistema fechado e imutável (COELHO et al., 2015). Assim sendo, o português que é falado no Nordeste do Brasil pode sofrer variações se comparado ao português falado em outras partes do país. Essas variações ocorrem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, sendo assim é compreensível que seus falantes reorganizem-se de acordo com suas necessidades comunicativas, culturas e comunidades de fala. Assim, os diferentes falares, são considerados como variações.

2.2 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A Teoria da Variação e Mudança Linguística estuda a variação e mudança da língua, considerando o caráter sociolinguístico, a estrutura e a evolução da língua no contexto social de uma comunidade de fala (LABOV, 1972). Para se compreender essa teoria é preciso entender que a língua é um sistema heterogêneo e ordenado; não há falante de estilo único, por isso, o *locus* de estudo da língua é a comunidade de fala; fatores linguísticos e sociais encontram-se diretamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Na língua, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação (COELHO et al., 2015). Labov (1982, apud LUCCHESI, 2012, p. 795) completa:

A concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico: 'o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social.'

Assim, com a teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972) constata-se que a língua deve ser estudada considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos que são condição da variação e, aplicando a definição de variação linguística rigorosamente temos que, variação linguística são formas alternativas de se dizer a mesma coisa, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade (LUCCHESI, ARAÚJO, 2004).

2.3 VARIEDADE, VARIANTE, VARIÁVEL E VARIAÇÃO

No campo da variação linguística depara-se com alguns termos técnicos que são usados pelos pesquisadores para abordar as especificidades da área. Aqui usar-se-á os seguintes: variedade, variação, variável e variante. Coelho et al. (2015), define esses termos como: variedade: a fala característica de determinado grupo; variação: as várias formas de se falar o idioma; variável: o lugar na gramática onde se localiza a variação e variante: formas individuais que brigam pela expressão da variável. Lucchesi e Araújo completam:

A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, a aplicação da regra de concordância nominal, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. **O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos).** Tais fatores constituem as variáveis explanatórias ou independentes (LUCCHESI, ARAÚJO, 2004, n.p, grifo nosso).

Em Lucchesi e Araújo (2004), percebe-se que além da existência das variantes elas estão sujeitas a influência de fatores estruturais ou extralinguísticos. Nos fatores extralinguísticos, incluem-se: idade, escolaridade, classe social e sexo e; é nesse contexto que nota-se maior frequência no uso das consideradas variantes de prestígio.

2.4 VARIAÇÃO LEXICAL

A variação lexical “existe quando a mesma realidade é designada por vocábulos diferentes” (ROCHA, 2003, n.p.), esse tipo de variação constitui o “campo

predileto de estudos geolinguísticos e, uma de suas maiores contribuições têm sido oferecidas a partir de estudos geolinguísticos de diferentes regiões do Brasil. Esses estudos, desde os trabalhos pioneiros do filólogo Antenor Nascentes, na elaboração de um “Atlas Linguístico do Brasil”, com o mapeamento das diferentes áreas linguísticas do português brasileiro” (COELHO et al., p. 51, 2015).

Portanto, as variações lexicais referem-se a diferentes formas de se falar uma mesma coisa dentro de uma determinada língua (CASTRO, MUÑOZ, ESQUIVEL, 2016). Elas estão muito presentes no vocabulário alimentício, sendo algumas variações bem conhecidas como o caso da mexerica, bergamota, ponkan e tangerina (COELHO et al., 2015). Para além do campo de comida, a variação que vamos investigar aqui, está presente na vida dos brasileiros, principalmente os que vivem em grandes cidades, e há algumas variantes listadas para se tratar desse mesmo instrumento de trânsito: farol, farolete, sinal, sinaleiro, semáforo etc. Com base nisso, parte-se do contexto geral de investigação para focar-se na variante mencionada, presente nos bairros da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais.

3.MÉTODOS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Para construção deste trabalho, apoiou-se nas principais obras dos seguintes autores: Labov (1972), Lucchesi (2012 e 2015) e Coelho et al. (2015) e a investigação, aqui almejada, seguiu-se os procedimentos de pesquisa indicados por Coelho et al. (2015).

Para a construção do presente trabalho, uma pesquisa “teste” foi efetuada no mês de dezembro na cidade de Belo Horizonte, nos bairros: Santa Branca; que é considerado um bairro popular e o bairro Savassi; que é considerado um bairro nobre. O objetivo era observar qual era a variante lexical mais utilizada pelos falantes e se a ocorrência dessa variante alterava de acordo com o bairro.

Para a realização desta pesquisa, foram considerados como informantes os falantes que estavam transitando pelas ruas dos bairros mencionados. Ao todo foram entrevistados 44 informantes. Os falantes tinham idade entre 20 e 60 anos. Para coleta das respostas, as pesquisadoras abordaram os informantes fazendo uma pergunta

inicial: Como eu faço para chegar na loja de materiais de construção mais próxima? A resposta esperada⁴ contemplaria a variante (semáforo/sinal/sinaleiro), essa resposta era possível graças a escolha dos pontos de coleta de dados que foi feita estrategicamente, tendo em mente a localização das lojas. A hipótese era que em Belo Horizonte as únicas variações lexicais utilizadas para descrever o instrumento de trânsito seriam sinal ou semáforo. Sendo a variante inovadora “sinal” e a variante conservadora “semáforo”, optou-se por considerar o semáforo como conservadora visto que ela é a variante presente na legislação de trânsito e é dicionarizada.⁵

Como metodologia de coleta de dados foi utilizado uma tabela desenhada em um papel, à medida que as respostas foram sendo coletadas, elas iam sendo registradas, tendo o cuidado de separá-las por bairro. Após a coleta, os dados foram dispostos nas tabelas a seguir:

Tabela 01: Dados coletados no bairro Savassi

Variante	Quantidade de ocorrência (por gênero)	
	F	M
Semáforo	10	9
Sinaleiro	0	0
Sinal	1	2
Total de informantes:	11	11

A tabela 01 mostra os dados coletados no bairro Savassi, foram 22 informantes divididos igualmente em homens e mulheres.

⁴ No começo muitas respostas diferentes da esperada foram recebidas; nesses casos eram feitas outras perguntas para que se chegasse a resposta; como exemplo: Tem alguma coisa próxima a loja que facilite a localização? Mesmo incluindo outras perguntas, algumas respostas não se encaixaram no esperado e foram descartadas.

⁵ semáforo: *substantivo masculino*; aparelho de sinalização urbana, rodoviária ou ferroviária que orienta o tráfego por meio de lanternas, luzes, bandeiras e/ou hastes móveis etc. <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> acesso: 12 de dezembro de 2022.

Tabela 02: Dados coletados no bairro Santa Branca

Variante	Quantidade de ocorrência (por gênero)	
	F	M
Semáforo	6	6
Sinaleiro	0	2
Sinal	5	3
Total de informantes:	11	11

A tabela 02 mostra os dados coletados no bairro Santa Branca, assim como no bairro Savassi foram coletados dados de 22 informantes, 11 homens e 11 mulheres. Tanto no bairro Savassi quanto no bairro Santa Branca, foram coletadas algumas respostas que não satisfaziam essa pesquisa, por este motivo as pesquisadoras abordaram mais de 44 informantes⁶, porém apenas 44 puderam ser aproveitados.

4. ANÁLISE DE DADOS

O instrumento de trânsito aqui abordado, apresenta algumas variantes lexicais (como visto no tópico anterior). Dentre os dados coletados na cidade de Belo Horizonte, esperava-se encontrar apenas as variantes sinal e semáforo. Uma, considerada mais conservadora (semáforo) e de prestígio, que as pesquisadoras esperavam encontrar maior concentração no bairro nobre; e a outra, considerada inovadora (sinal), onde esperava-se encontrar maior ocorrência no bairro mais popular. Para que os resultados atendessem as concepções iniciais, foram feitas estratificações considerando gênero e aspectos sociais. Esses aspectos sociais, segundo teoria laboviana, podem influenciar as escolhas dos falantes sobre quais formas linguísticas concorrentes que expressam o mesmo significado serão utilizadas, ou seja, a escolha não é feita de forma aleatória pelos falantes (LUCCHESI, 2015). Por isso, ao realizar essa pesquisa teve-se o cuidado de fornecer situações em que os dados de fala fossem coletados da forma mais natural possível, na tentativa de diminuir a influência do instrumento de pesquisa, tido por alguns falantes, que ao

⁶ Para preservação e segurança dos dados, em conformidade com a LGPD n° 13709, não foi solicitado nome ou qualquer tipo de informação pessoal dos participantes.

sentirem que estão fazendo parte de uma pesquisa tendem a falar de uma forma menos natural, buscando privilegiar falares de maior prestígio.

A Tabela 01 apresenta os dados coletados na região da Savassi, em Belo Horizonte. Percebe-se que aproximadamente 86% dos falantes utilizaram a variante *semáforo* e aproximadamente 14% utilizam a variante *sinal* ao se referirem ao instrumento de trânsito. Observa-se também que na estratificação por gênero quase não há diferença de respostas e que não houve ocorrência da variante *sinaleiro*, conforme a hipótese inicial deste trabalho.

Os resultados coletados no bairro Santa Branca foram mais diversificados que os encontrados no bairro Savassi. A Tabela 02 apresenta as ocorrências das variantes no bairro Santa Branca, de acordo com os dados coletados, com a mesma quantidade de respondentes do bairro anteriormente analisado (11 homens e 11 mulheres), percebe-se uma variedade maior de respostas. Considerando a variante *semáforo*, não houve diferença entre os gêneros. Já a variante *sinal* teve ocorrência de aproximadamente 50% entre as mulheres e aproximadamente 27% entre os homens. Houve também a ocorrência da variante *sinaleiro*, nos respondentes do gênero masculino. Cerca de 55% dos respondentes utilizaram a variante *Semáforo*.

Confrontando as duas tabelas, encontra-se 86% de respondentes que utilizam a variante *semáforo* no bairro nobre e 55% que utilizam a mesma variante no bairro popular. Uma possível causa dessa diferença pode ser atribuída ao aspecto social, se levar em consideração que bairros nobres geralmente tem melhores escolas e maiores oportunidades de socialização com indivíduos mais alfabetizados. Esse impacto que a alfabetização pode causar na forma que os falantes utilizam as línguas, foi descrito por Lucchesi (2015) como um fenômeno social capaz de modificar os falares. O autor também abordou as diferenças encontradas nas pesquisas sociolinguísticas que possuem estratificações mais amplas, como gênero, idades e escolaridade, por exemplo; mostrando que esses fatores podem trazer diferentes resultados para análise, principalmente trazendo mais clareza a que tipos de falantes utilizam as variantes pesquisadas. Aqui, na estratificação de gênero não houve muitos resultados, um dos motivos pode ter sido a quantidade de respondentes. Já no que

tange fatores sociais percebe-se uma diferença significativa nas respostas.

Fazendo uma busca por outras pesquisas que contemplam as mesmas variantes, depara-se com Macedo (2014); a pesquisa foi feita com os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com as amostras de falantes da região sul do Brasil. Analisando a variante, presente nesse trabalho, Macedo (2014) relatou os seguintes resultados: No estado do Paraná verificou-se a predominância das variantes *sinaleiro* (46% das respostas) presente principalmente na fala das mulheres e *semáforo* (34% das respostas); em Santa Catarina, observamos que a variante que predomina é *semáforo* (35% das respostas), seguida de *sinaleira* (30% das respostas) e *sinaleiro* (22% das respostas); já no Rio Grande do Sul, é possível verificar a produtividade da variante *sinaleira* (44% das respostas) a qual se faz presente em ambos os sexos. Concluindo, as designações para o instrumento de trânsito no interior dos estados da região Sul do Brasil evidenciaram que a variante mais utilizada é a forma técnica *semáforo*. Entretanto são encontradas além desta pelo menos mais cinco que são: *sinaleiro*, *sinaleira*, *sinaleira*, *sinaleira*, *sinaleira* (MACEDO, 2014). Os dados da pesquisa de Macedo (2014) evidenciam o que foi abordado no começo deste trabalho, as ocorrências de variantes podem ser diferentes de acordo com a região. Na região Sul predomina o uso da variante *semáforo*, podendo alterar de acordo com o Estado, e comparando com a pesquisa feita em Belo Horizonte há também a predominância da mesma variante podendo alterar de acordo com os bairros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a pesquisa tenha tido apenas 44 informantes, o que pode não ser um número tão expressivo se considerarmos que a cidade tem cerca de 2,5⁷ milhões de habitantes; os resultados obtidos foram esclarecedores. Rompendo a hipótese inicial, evidenciou-se que os falantes do português brasileiro presentes em Belo Horizonte e

⁷ Fonte: IBGE informação disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/belo-horizonte.html>> acesso: 14 de dezembro de 2022.

que foram abordados nesta pesquisa, utilizam três variantes ao se referirem ao instrumento de trânsito aqui abordado. Analisando os resultados por bairros nota-se que no bairro nobre (Savassi) cerca de 86% dos respondentes utilizaram a variante conservadora (*semáforo*), já no bairro popular essa porcentagem cai para 55%. Isso pode ter ocorrido devido a localização e fatores sociais, sendo eles capazes de influenciar as escolhas que o falante faz sobre determinada variante presente na língua. Em comparação com a região sul do país, destaca-se a ausência de algumas formas variantes presentes nesta pesquisa; outro fato que também pode ser notado é a diferença significativa na ocorrência entre as variantes utilizadas por gêneros diferentes (homens e mulheres) já na pesquisa feita em Belo Horizonte, a diferença encontrada não foi significativa.

Para pesquisas futuras, indica-se que a estratificação também seja feita por idade e recomenda-se fortemente um número maior de informantes. Outro dado que poderia fazer a diferença é analisar a escolaridade desses respondentes e se já tiveram algum tipo de educação para o trânsito (por exemplo, cursos para adquirir a CNH), essas estratificações poderiam indicar se os indivíduos que já frequentaram algum tipo de capacitação específica teriam preferência por uma variante; o que iria de encontro ao que Lucchesi (2015) destaca sobre a educação ter influências nos falares.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Matilde Ángeles Vida; MUÑOZ, Antonio Manuel Ávila; ESQUIVEL, Francisco Manuel Carriscondo. **Manual práctico de sociolingüística**. Síntesis, 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolingüística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. **A teoria da variação lingüística**. In: A teoria

da variação linguística. 20. ed. Bahia: Vertentes do português popular do Estado da Bahia, 2004.

MACEDO, Rebeca Louzada. **Variação Lexical Na Região Sul: Semáforo, Sinal Ou Sinaleira**, web-Revista Sociodialeto, v. 4, n. 12, 2014. p. 178-191. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014024444.pdf>. Acesso em: 15 julho 2024.

ROCHA, Maria Regina. **As variações das línguas**. 2003. Disponível em: < <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-variacoes-das-linguas/11807> >, acesso: 10 de dezembro de 2022